



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO – PROGRAD
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
CURSO INTENSIVO DE PEDAGOGIA
CONVÊNIO UNEB/FAPES/
PREFEITURA MUNICIPAL DE MORRO DO CHAPÉU - BAHIA**

**DINAIDE VALOIS PEREIRA GONÇALVES
DINALVA SOARES DA SILVA PEREIRA
EDVÂNIA DA CONCEIÇÃO BOAVENTURA BARBOSA
ELITA ALVES DOS REIS**

**O PROCESSO DA CONSTRUÇÃO DA LEITURA E DA
ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Morro do Chapéu,

2001

DINAIDE VALOIS PEREIRA GONÇALVES
DINALVA SOARES DA SILVA PEREIRA
EDVÂNIA DA CONCEIÇÃO BOAVENTURA BARBOSA
ELITA ALVES DOS REIS

105

**O PROCESSO DA CONSTRUÇÃO DA LEITURA E DA
ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Prof. Orientador

Jorge dos Santos Martins

Mestre em Lingüística e Semiologia



Trabalho monográfico apresentado como pré-requisito para a conclusão do Curso Intensivo de Pedagogia, Habilitação nas séries iniciais do Ensino Fundamental, pelo Departamento de Ciências Humanas – CAMPUS IV.

*Dra. Benedita Pereira de Andrade
Professor Examinador.*

UNEB - DEP. IV - JAC

A Jesus, "mestre dos mestres" com seus exemplos de força e coragem ensinando-nos a vencer a cada dia.

Aos nossos familiares pelo incentivo e apoio. Sem vocês não teríamos chegado até aqui.

Aos professores pela responsabilidade, sempre esclarecendo nossas dúvidas, a vocês, nosso agradecimento e respeito.

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor assim não morre jamais.”

Rubem Alves

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

1.1. Introdução	06
1.2. Justificativa.....	09
1.3. Problematização.....	16
1.4. Objetivos.....	17

CAPÍTULO II

Teoria e Prática

2.1 - Estudos de Ferreiro	18
2.2 - Posição de Lemle	30
2.3 - A lingüística e a leitura Vera Regina	37
2.4 - A mediação do professor Paulo Freire	37

CAPÍTULO III

Metodologia

3.1. Espaço e tempo da pesquisa.....	38
3.2. Instrumento da investigação.....	39
3.3. Entrevista com professores, pais alunos e outros profissionais ligados a área da Educação.....	40

CAPÍTULO IV

4.1. Análise e discussão dos dados	43
4.2. Considerações finais.....	44

ANEXOS	47
---------------------	-----------

BIBLIOGRAFIA	58
---------------------------	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
---	-----------

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

De uma forma geral a leitura é entendida como construção singular de cada sujeito, potencialidade com o objetivo claro de entender o texto. Assim, ler é uma prática básica, essencial para aprender; porém nem sempre é um ato agradável, prazeroso para as crianças porque encontram obstáculos na aprendizagem da leitura como: reconhecimento dos sinais gráficos, relacionamento de som/letra, na formação da palavra e na interpretação do texto.

Embora as escolas disponham de alguns recursos audiovisuais, percebe-se que ainda não são suficientes para despertar o interesse pela leitura e superar essas dificuldades encontradas no cotidiano da sala de aula, e esta deficiência evidencia que instrumento algum substitui a leitura.

Antes a leitura era restrita apenas à sala de aula, atualmente ela acontece em todos os lugares. Lê-se nos bancos das praças, nas ruas, lêem-se placas, nomes de casas comerciais, rótulos, portanto, independente de classe social a leitura é uma forma de enriquecimento que possibilita o indivíduo na construção do seu próprio conhecimento. O que se ensina na escola, bem como tudo que faz parte da realidade social está diretamente ligado à leitura e desta depende para se manter e desenvolver. A partir da interpretação da leitura o indivíduo irá fazer relações, argumentar, concluir, avaliar, podendo assim posicionar-se diante do que leu.

Ler não é apenas decodificar, é compreender, interpretar e relacionar com o que foi percebido e vivenciado.

A leitura tem como finalidade primordial a compreensão do texto. Ela é imprescindível na vida diária das pessoas que devem direcioná-la conforme suas necessidades e interesses.

É mister que o educador goste de ler e seja um leitor competente, despertando assim o interesse da criança para esta prática, proporcionando momentos de leitura que incluam anedotas, adivinhações, jornais, revistas, histórias infantis e outras, contribuindo para a formação de bons leitores.

Contudo, nota-se que os livros didáticos adotados na escola apresentam textos fora da realidade dos nossos alunos. Embora aqueles tenham papel relevante, devem ser selecionados e trabalhados com uma abordagem crítica. Desta forma, resgata-se o papel do professor enquanto profissional responsável pela estimulação à leitura, pela introdução de outros textos que

sejam significativos bem como atividades diversificadas a fim de despertar o interesse dos alunos.

Infelizmente nota-se que há desinteresse pela leitura originário talvez das condições de vida dos alunos, da pobreza no seu ambiente de letramento, na própria formação precária de alguns profissionais da área de educação, que não são leitores, tendo no entanto que ensinar a ler e gostar de ler.

A leitura e a escrita são indissociáveis, porém, cada uma tem a sua função própria. A escrita surgiu a partir do momento em que as relações sociais do trabalho se tornaram mais complexas, podendo ser caracterizadas em três fases distintas:

- Pictórica - era feita através de desenhos, como a escrita asteca, que é associada à imagem do que se quer representar sem relação com o som;
- Ideográfica – são desenhos representam idéias escrita, como a dos egípcios, mesopotâmios e chineses;
- alfabética - que associa som/letra e da qual provém o nosso alfabeto (latim).

Segundo Vygotsky (Moll 1996) a escrita deve ter significado para as crianças, uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas e a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida. Só então poderemos estar certos de que ela se desenvolverá, não como hábitos de mãos e dedos, mas como uma forma nova e complexa de linguagem.

De acordo com as idéias de Cagliari uma criança que entra na escola com 7 anos, já é capaz de entender e falar a língua portuguesa com desembaraço e precisão, nas mais diversas circunstâncias da vida, pois aos 3 anos já está apta a conversar com outras crianças e adultos e compreender o que lhe é dito.

Para ele as dificuldades de aquisição da linguagem, só ocorrem quando a criança apresenta problemas biológicos seríssimos. Assim a fome para ele não é fator que dificulta a aprendizagem. Acentua ainda que uma criança que passa a vida com fome; pode ter dificuldades no desempenho das tarefas escolares, mas se ela continua viva, com ânimo para sobreviver, significa que dispõe de força também para aprender. A escola por sua vez não pode tratá-la como um ser falido, talvez ela tenha mais condições de desenvolver mais conscientemente do que uma criança que sempre tenha vivido num ambiente rico.

Dessa forma a linguagem escrita se dá por meio das relações sociais e pela interferência do professor, que já possui conhecimento científico socialmente produzido.

É necessário que as crianças percebam que suas produções coletivas ou individuais, podem ser registradas e transformadas em momentos de produção escrita. Diante disso para aprender a escrever é preciso que o aluno tenha acesso a uma variedade de textos, como: narrativo, literário, informativo, de instrução, publicitário, gráfico, dissertativo e poético. Destarte a criança pode ser incentivada constantemente a se expressar na língua escrita, ainda

que não domine totalmente o código convencional, pois ao escrever irá adquirindo maiores conhecimentos sobre a língua.

Diante do exposto, percebemos a importância da leitura e da escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental, através de pesquisa realizada em sala de aula no dia 20 de junho do corrente ano, em Escolas Municipais e Estaduais, e foram detectados vários problemas que dificultam a aprendizagem da leitura e da escrita, dentre os quais podemos citar:

- crianças não têm acesso ao mundo letrado;
- são de família desestruturada;
- seus pais semi-analfabetos;
- pertencem a classe social com menos poder aquisitivo.

É relevante o estudo destes problemas em questão, pois apresentam um desafio para os profissionais da Educação, devido às dificuldades que a escola brasileira tem para cumprir a tarefa de alfabetizar. Cabe a escola refletir sobre a metodologia a usar procurando compreender o processo da leitura e da escrita nas séries iniciais para incentivar o aluno a uma participação ativa, que o leve à vivência e à experiência, proporcionando-lhe uma aprendizagem significativa.

É o que se propõe este trabalho que visa investigar a realidade existente, refletir sobre sua problemática que será o principal objeto deste estudo e dar sugestões para novas alternativas no processo do ensino da leitura.

JUSTIFICATIVA

As razões deste trabalho monográfico baseiam-se nas necessidades atuais de um mundo globalizado em que vivemos, sendo imprescindível que o indivíduo, em face das exigências sociais, esteja em sintonia com a realidade que o cerca.

A escola como instituição social, cuja função é oportunizar ao aluno um ensino sistematizado, vem enfrentando sérios desafios no que se refere à construção da leitura e da escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Sendo a leitura e a escrita atividades humanas, históricas e sociais, elas existem na escola, porque são importantes fora dela, além do que são procedimentos básicos indispensáveis à aprendizagem.

Portanto a leitura e a escrita são procedimentos básicos indispensáveis à aprendizagem.

O aprender a ler e escrever exige do indivíduo empenho, perseverança e dedicação. Por isso, cabe à escola estabelecer relações entre a leitura, a escrita e a criança, aprofundando os níveis de desempenho no processo ensino-aprendizagem.

“A leitura caracteriza-se como um dos processos que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e termos a possibilidade de transformação sócio cultural futura”.(Ezequiel F da Silva,.)¹

“Acredita-se que o processo da construção de leitura e da escrita se realiza no movimento das interações sociais e nos momentos das interlocuções das trocas simbólicas dos interesses circunstanciais na permuta de experiências, permitindo o aluno a criar, transformar, sugerir e questionar. (SMOLKA, 1988).”

Percebe-se que o processo da construção da leitura e da escrita se dá em classes heterogêneas, na qual a criança troca experiências com outras crianças, ouvindo e participando de conversas com adultos, proporcionando uma melhor participação na sociedade, pois é nela que o indivíduo irá demonstrar todo seu conhecimento e aprendizado.

Por isso, este tema monográfico por ser de suma relevância para o professor compreender as dificuldades do aluno no processo da construção da

leitura e da escrita, nas séries iniciais do Ensino Fundamental, no sentido de atingir metas que venham amenizar tal situação.

Embora o professor venha tentando realizar um trabalho escolar diversificado, ainda se depara com grandes dificuldades em conseguir um desempenho satisfatório do aluno em relação à leitura e à escrita, ocorrendo às vezes repetência e evasão.

O QUE É LER

Cagliari afirma que a leitura é uma atitude fundamental desenvolvida pela escola.

"De tudo que a escola pode oferecer de bom aos alunos é a leitura, sem dúvida, o melhor, a grande herança da educação". (Cagliari, 1999. p.184)."

Isto significa que se um aluno, não se sair bem nas outras atividades, mas for um bom leitor, a escola já cumpriu em grande parte a sua tarefa. A grande maioria das dificuldades encontradas pelos alunos até mesmo no curso de graduação, é decorrente de problemas da leitura. Ela é uma atividade fundamentalmente individual; Duas pessoas não fazem a mesma leitura de um texto, mesmo que ele seja científico. Ao contrário da escrita que é uma

atividade de exteriorização de pensamento, a leitura é uma atividade de reflexão, assimilação de conhecimento, de interiorização. Uma criança jamais fará a leitura de um texto como um adulto, ela sendo de um meio social pobre, não lê do mesmo jeito que outra do meio social rico, nenhuma delas provavelmente lerá como a professora. Não se deve porém concluir que uma não lê melhor do que a outra, apenas elas lêem de maneiras diferentes. Portanto a escola deve respeitar a leitura de cada criança.

PRIMEIROS PASSOS DA LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS

O primeiro contato das crianças com a leitura se dá através da leitura auditiva. Conforme estudo de Cagliari as primeiras leituras devem ser feitas individualmente já que esta sendo oral, inibe a criança. A leitura oral é feita não somente por quem lê, mas pelas pessoas que lêem o texto ouvindo. A diferença entre ouvir a fala e ouvir a leitura está em que a fala é produzida espontaneamente, ao passo que a leitura é baseada no texto escrito. A leitura silenciosa visual consiste em um leitor ler para a comunidade; prática utilizada ainda hoje nos conventos. Algumas pessoas dizem que a leitura silenciosa provoca mais a reflexão do texto. A leitura oral, falada ou escrita processa-se foneticamente de maneira semelhante à percepção auditiva da fala. Já a leitura visual, falada ou silenciosa, além de pôr em funcionamento o mesmo mecanismo de percepção auditiva da fala, para a decodificação do texto, precisa pôr em ação os mecanismos de decifração da escrita.

“As crianças precisam de tempo para decifrar a escrita. Cada criança tem um ritmo próprio que precisa ser respeitado”. (Cagliari, 1999).ⁱⁱⁱ

COMO A CRIANÇA PODE SE TORNAR LEITORA

A leitura não é a fala da escrita, mas um processo que pressupõe um amadurecimento de habilidades lingüísticas das que ocorre na produção da fala. Ler em voz alta vai além da produção sonora da fala, pois exige que o leitor acompanhe um raciocínio sobre um pensamento exterior, expresso por outra pessoa; daí a dificuldade da criança conciliar os elementos fônicos com os elementos semânticos, pois ela fala o que não está pensando.

O indivíduo para realizar uma boa leitura, necessita passar pelas etapas normais de produção da fala; mudar a respiração, acertar o ritmo, o acento e a entonação através da montagem das sílabas. O que é perfeitamente cronometrado quando a criança fala espontaneamente. Porém, na leitura, essas etapas que eram cumpridas inconscientemente, começam a ser controladas mais conscientemente pelo leitor aprendiz.

Para conseguir ler a criança deve decifrar foneticamente o que leu, processar para a fala realizar todas as etapas para a produção do que vai dizer. Para tanto, é necessário que a criança tenha todo o tempo para decifrar e analisar o que leu.

“À medida que se tornar mais hábil nessa tarefa, irá necessitar de menos tempo entre uma atividade e outra, chegando idealmente ao ponto em que a interpretação visual e a realização falada sejam feitas num espaço de tempo mais curto, como se espera de uma leitura fluente”. (Cagliari, 1999.)^{iv}

A LEITURA E A ESCRITA

A leitura e a escrita são práticas do processo da alfabetização, embora a escola exija mais do aluno a escrita do que a leitura devido a escola saber avaliar mais facilmente os acertos e os erros de escrita e não saber avaliar o que o aluno lê, principalmente quando ele lê em silêncio.

Na atualidade o ato de ler é muito importante, pois “muitas pessoas alfabetizadas vivem praticamente sem escrever, mas não sem ler”. (CAGLIARI, 1999).

Havendo nas escolas sérios problemas de evasão e repetição, seria bom que elas dessem menos ênfase à escrita e se preocupassem mais com a leitura, pois sendo esta atividade intensificada, a criança passaria a ter mais contato com a escrita facilitando assim o processo da leitura.

A escola precisa refletir sobre que tipo de leitura está fazendo com as crianças, para que estas não venham a se desinteressar pelo ato de ler achando-o algo enfadonho, estranho e sem graça.

Os alunos precisam saber que um texto pode ser lido de várias maneiras, mas que a sociedade tem expectativa em relação à leitura padrão.

Portanto é fundamental que o aluno saiba o que é próprio da linguagem e o uso que a sociedade faz dela, assim a leitura jamais poderá ser uma atividade secundária na sala de aula ou na vida de cada indivíduo, pois ela representa a fonte perene, primordial da educação.

LEITURA E CULTURA

A leitura leva à aquisição da cultura, mas que explica muito do que se lê, e não apenas o significado literal de cada palavra de um texto. Uma pessoa que não conhece uma cultura tem dificuldade em ler textos produzidos por ela, mas, para adquirir os conhecimentos dessa cultura é interessante ler não só o que os outros disseram a respeito dela, mas o que ela mesmo produziu.

Um outro ponto importante é o que se lê e para que se lê.. O mundo mudou e os hábitos de leitura mudaram. Antigamente lia-se livros para conhecer os fatos, o que ocorria com um certo atraso em relação ao acontecimento. Hoje, com os meios de comunicação de massa, o tempo entre os fatos e a notícia ficou muito reduzido. A escola por sua vez, deve acompanhar a evolução do mundo, sem se esquecer porém dos hábitos tradicionais, pois é do equilíbrio que nasce a verdadeira formação do aluno.

TEXTOS DE LEITURA

Algumas crianças ao ingressar nas séries iniciais, já apresentam intimidade com a leitura, pois têm acesso a livros, jornais, revistas, porém há outras que só se familiarizam com os livros e outros textos, na escola.

As escolas que possuem bibliotecas devem ser abertas para que os alunos possam usufruir dos livros existentes que devem ser de boa qualidade e de livre circulação.

Para Jolibert a criança na escola deve:

- Ler para viver com outros no quadro de uma vida cooperativa – situações vivenciadas no cotidiano da sala de aula como calendário, quadro de presenças e ausências;
- Ler para descobrir informações – catálogos, folhetos rótulos;
- Ler para brincar – jogos;
- Ler para construir – receitas;
- Ler para nutrir e estimular o imaginário – canto, poesia e literatura infantil;
- Ler para documentar-se – obras documentais, cartazes informativos ou publicitários.

OS PAIS E O APRENDIZADO DE LEITURA

A autora Jolibert acentua que a mudança da prática pedagógica nunca torna simples as relações com os pais. Para ela os pais demonstram angústia e incerteza das perspectivas de futuro de seus filhos diante dos métodos modernos vivenciados na escola. Os pais sabem muito bem que o domínio de ler e escrever é um dos fatores determinantes do sucesso ou fracasso escolar, e tomados pela preocupação tentam ajudá-los e terminam por confundi-los, pois às vezes fazem o contrário do que foi visto na escola.

PAIS INFORMADOS

Para que os pais entendam “por que não se aprende a ler como antigamente” a autora citada propõe vários tipos de encontros e trabalhos.

- Fazer com que os pais entendam que ler não é aprender a decodificar.
- Convidá-los para assistirem às aulas para perceberem como os alunos questionam o texto, interpretam, levantam hipóteses;

- Para entenderem o que ler, convidem os pais a viverem, em seu nível de adultos, processos que lhes permitam tomar consciência de suas próprias estratégias de leitura.
- Com o propósito de esclarecer o “novo método”, proporcionem palestras com pessoas capacitadas no assunto.
- Relatar para os pais o comportamento dos filhos diante a aprendizagem; dando sugestões e atividades.

PAIS PARCEIROS

Jolibert ressalta a importância da parceria dos pais para a construção da leitura, quando estes lêem naturalmente com seus filhos tudo o que faz parte da vida familiar e responde a uma necessidade; histórias, quando folheiam com eles um álbum de literatura infantil.

É importante que haja parceria entre pais e filhos no acompanhamento das atividades escolares para que estes tenham melhor aproveitamento na aprendizagem.

PROBLEMATIZAÇÃO E HIPÓTESES

O presente trabalho tem como objetivo primordial o estudo dos problemas relacionados ao processo da leitura e da escrita desenvolvido nas escolas para descobrir as causas e buscar soluções adequadas.

Para tanto, formularam-se as seguintes hipóteses sobre esta problemática.

- 1 – Muitas crianças não têm ambiente propício ao desenvolvimento da leitura e da escrita;
- 2 – O processo da alfabetização foi mal assimilado pela criança;
- 3 – Falta de estímulo e acompanhamento dos pais no processo da leitura e da escrita;
- 4 – O meio sócio-econômico da criança contribui;
- 5 – Despreparo do professor é evidente;
- 6 – O material é inadequado para o processo da construção da leitura e da escrita.

OBJETIVO GERAL

Possibilitar meios que facilitem o processo da aprendizagem da leitura e da escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental, gerando ações conscientes a partir das conclusões do trabalho realizado tornando a prática um constante aprender, criar, e recriar.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Criar instrumentos para que o educador e aluno sejam leitores assíduos.
- Promover feira de livro para facilitar a leitura dos alunos
- Possibilitar cursos de capacitação para o professor.
- Trabalhar com textos diversificados e significativos para a criança.

- Introduzir o lúdico nas atividades propostas nas séries iniciais.
- Utilizar a arte no desenvolvimento da auto expressão e da criatividade

Nem todos os pais participam da mesma maneira na escola e no sucesso escolar de seus filhos. E este faz parte de uma série de problemas que fazem com que a criança desempenhe com êxito as diversas leituras existentes no seu cotidiano.

CAPÍTULO II

2.1 - TEORIA E PRÁTICA

Espera-se que o aluno ao gostar de ler, torne-se um leitor habitual, capaz de interpretar e produzir textos, demonstrando bom nível de competência lingüística e autonomia intelectual.

Este pensamento fundamenta-se nos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1986) que por sua vez baseiam-se na teoria de Jean Piaget, que considera sujeito cognoscente todo aquele que busca adquirir conhecimento e que procura ativamente compreender o mundo a sua volta, tentando resolver as integrações que este mundo propõe.

Quando a criança escreve livremente a seu modo, de acordo com suas hipóteses, ela pensa, analisa o que escreve, descobre as contradições, achando um motivo forte para buscar novos esquemas interpretativos. Esses

conflitos propiciam a evolução no processo da construção da leitura e da escrita. Ao contrário, a cópia é um obstáculo a criatividade do aluno e deve ser reduzido o seu uso. Quando copia a criança não pensa, centra sua atenção apenas no traçado gráfico, deixando de jogar com suas suposições.

Assim as crianças não aprendem simplesmente porque vêem os outros ler e escrever e sim porque tentam compreender que classe de atividade é essa. As crianças não aprendem simplesmente porque vêem letras escritas e sim porque se propõem a compreender porque esses marcos gráficos são diferentes de outros. As crianças não aprendem apenas por terem lápis e papel à disposição e sim porque buscam compreender o que é que se pode obter com esses instrumentos.

Em resumo: não aprendem simplesmente porque vêem e escutam e sim porque elaboram o que recebem, porque trabalham cognitivamente com o que o meio lhe oferece. (Ferreiro in Como se aprende a ler e escrever, apostila 1996).

Leitura é a linguagem interior, e pensamento ativo por símbolos impressos. O professor deve planejar atividades que levem as crianças a compreender o que lêem. Analisar, discriminar, ordenar, fazer inferências, tirar conclusões, organizar, criticar, relacionar, indicar idéias mais importantes.

Conforme Ferreiro, a evolução da leitura e da escrita, realiza-se através de níveis e subníveis até o momento em que a criança venceu barreiras do sistema, sendo capaz de interpretar (ler) e reproduzir (escrever símbolos gráficos).

Em cada nível, a criança elabora suposições a respeito dos processos de construção da leitura e escrita.

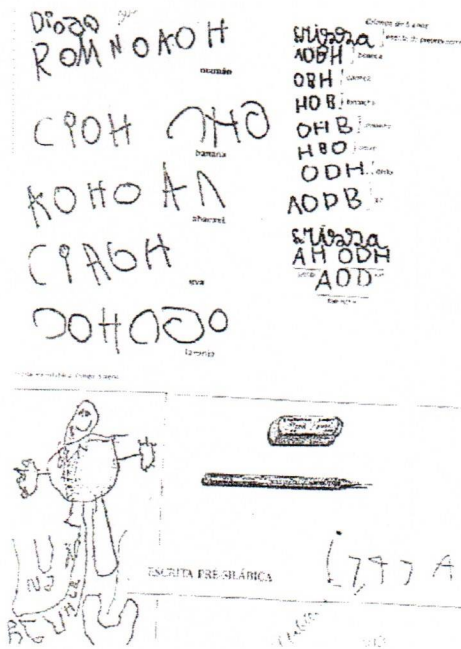
Assim a mudança de um nível para outro só irá ocorrer quando ela se deparar com questões que o nível em que se encontra não puder explicar as suas hipóteses.

A criança poderá elaborar novas questões e suposições o que não exclui "idas e vindas" entres os níveis.

NÍVEL 1 – HIPÓTESE PRÉ-SILÁBICA

Neste nível observa-se que criança não estabelece vínculo entre fala e a escrita, ela supõe que a escrita representa o nome dos objetos e não os objetos: coisas grandes devem ter nomes grandes, coisas pequenas devem ter nomes pequenos. Usa letra do próprio nome ou letras e números na mesma palavra.

O professor aplicando atividades adequadas para este nível, a criança terá maior possibilidade de progredir na construção da leitura e da escrita avançando para o nível seguinte.



SUGESTÕES DE ATIVIDADES:

- ✓ Circular ou marcar letras iguais ao seu nome e/ou de outras palavras significativas já trabalhadas;
- ✓ Circular ou marcar letra inicial ou final do seu nome ou dos colegas;
- ✓ Circular ou marcar palavras inteiras;
- ✓ Pintar intervalos entre as palavras;
- ✓ Classificar palavras pelo número de letras registrando-as;
- ✓ Copiar palavras inteiras;

- ✓ Completar letras que faltam;
- ✓ Pesquisar em outras matérias, letras iguais;
- ✓ Classificar palavras pela letra inicial registrando-as,
- ✓ Copiar uma frase do texto escolhido pela criança ou pelo professor;
- ✓ Contar o número de letras de uma frase;

NÍVEL 2 – INTERMEDIÁRIO - I

A criança já demonstra uma relação entre a linguagem oral e a escrita, apresentando estabilidade ao escrever palavras de seu interesse como seu próprio nome.

Os níveis intermediários I e II são momentos do processo que se caracterizam pela evidência de contradições na conduta da criança e nos quais percebe-se a perda de estabilidade do nível anterior e a não organização do nível seguinte, evidenciando-se o nível cognitivo.

Espera-se neste nível que a criança supere o nível pré-silábico, iniciando a hipótese silábica.

NÍVEL 3 – HIPÓTESE SILÁBICA

O sujeito ao atingir este nível já percebe as unidades silábicas, embora use somente uma letra para representar cada sílaba, supõe que a escrita representa a fala e que deve escrever tantos sinais quantos forem as vezes que mexe a boca ou seja para cada sílaba oral corresponde uma letra ou sinal.



QUADRO DE PALAVRAS E SÍLABAS # 12 ANOS
HENRIQUE
MAIOHEP
COCDEE
MAINRPE
NESGMA MIER
ODD
ERE NQ SEBA

QUADRO DE PALAVRAS E SÍLABAS # 9 ANOS
CLEBR
ELTIE
BHO
IOAO
KAO
VAM
LER
HUO
OURRO

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

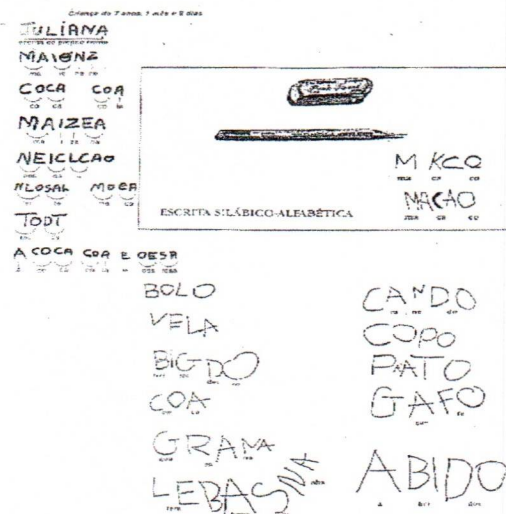
- ✓ Ênfase nas atividades com as letras iniciais de palavras significativas;

- ✓ Ditados iniciais, onde o aluno marca a letra inicial do texto mimeografado;
- ✓ Ditado de iniciais de palavras do texto, com registro no caderno;
- ✓ Análise oral do número de sílabas de palavras do texto;
- ✓ Listar palavras com a mesma sílaba inicial: “Lá vai a barquinha carregada de...”;
- ✓ Todas as atividades sugeridas para o nível pré-silábico também podem ser utilizados com os silábicos.

NÍVEL 4 – HIPÓTESE SILÁBICA – ALFABÉTICA

INTERMEDIÁRIO II

A criança inicia a superação da hipótese silábica, compreende que a escrita representa o som da fala, podendo combinar só vogais ou vogais com consoantes na mesma palavra, exemplo: gato – ao; cavalo – cal.



SUGESTÕES DE ATIVIDADES

- ✓ Ordenar frases do texto;
- ✓ Completar frases;
- ✓ Completar sílabas e letras de palavras;
- ✓ Dividir palavras em sílabas;
- ✓ Formar palavras a partir de sílabas do texto.

NÍVEL 5 – ALFABÉTICA

Nesta fase, o sujeito entende que a escrita tem função social: a comunicação.

Ele descobre que cada som corresponde a uma letra, que cada sílaba não é uma unidade sonora, mas pode ter mais de uma letra.

O desafio deste nível é a criança compreender que falamos de uma forma e escrevemos de outra.

Segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky, esses são os livros pelos quais passa a criança ao ser alfabetizada.



ALINE
PAPAGAIO
DINOSAURO
TATUZHINO
JACARE
URSO
CATU
QUEF
OURSO EFOFO

SUGESTÕES DE ATIVIDADES:

- ✓ Ordenar frases do texto;
- ✓ Completar frases;
- ✓ Completar sílabas e letras de palavras;
- ✓ Dividir palavras em sílabas;
- ✓ Formar palavras a partir de sílabas do texto.

Ainda segundo Emilia Ferreiro, as classes devem ser heterogêneas pois possibilitam a interação na qual os mais avançados auxiliam os menos avançados. E o professor por sua vez, como mediador seja capaz de organizar seu trabalho didático-pedagógico de maneira que os alunos sejam produtores ativos habilitados a descobrir que a escrita representa e expressão das idéias, pensamentos e fala.

De acordo com as pesquisas realizadas por Ferreiro, o tempo da construção do processo alfabético de cada criança é singular e depende do acesso abundante e diversificado do material escrito.

Cabe à escola oportunizar a criança atividades desafiadoras, levando-a a questionar suas hipóteses e progredir na leitura e na escrita.

OUTRAS ATIVIDADES

Desde o primeiro dia de aula deve-se iniciar com atividades em classes de alfabetização que envolva os nomes dos alunos.

- ✓ Reconhecer seu nome em meio a um agrupamento de crachás espalhados no chão ou na mesa.
- ✓ Agrupar os crachás pela letra inicial.
- ✓ Copiar os crachás com nomes dos colegas de um mesmo grupo.
- ✓ Pedir a cada dupla de alunos para fazer a distribuição com os colegas.
- ✓ Cada um de posse de seu crachá pode fazer o “caldeirão das letras”. Junta-se e forma novas palavras.

GRÁFICO DOS ANIVERSARIANTES COM CRACHÁS.

Pedir para cada aluno fixar o seu crachá na coluna correspondente o mês do seu aniversário, começando de baixo para cima.

ANALISANDO O GRÁFICO:

Quantos alunos têm na sala?

Qual o mês que tem mais aniversariantes?

Qual o mês que não tem aniversariantes?

Quais os meses que têm a mesma quantidade de aniversariantes?

BINGO DO PRÓPRIO NOME

Cada aluno recebe um cartão com o seu nome escrito em letras grandes e um recipiente com grãos. Em seguida o professor fala e mostra, uma por uma, as letras do alfabeto, tirando aleatoriamente de um saquinho. Quem possuir em seu nome a letra “cantada” vai marcando com o grão.

Posteriormente esta atividade deverá ser feita dizendo o nome das letras (sem mostrar).

QUEBRA-CABEÇAS COM NOMES

Cada aluno recebe seu nome num cartão escrito em letra de imprensa maiúscula.

Deve-se recortar ou simplesmente separar as letras cortando o cartão em tantos pedaços quantos forem as letras.

Depois de embaralhá-las sobre a mesa, deve-se mandar os alunos remontarem seus próprios nomes, colocando ou colando sobre uma folha de papel. Pode-se utilizar o nome inteiro como modelo.

NÃO REPITA A INFORMAÇÃO

a) O professor solicita que cada aluno da turma fale uma informação do texto;

b) O professor esclarece que as informações não poderão se repetir; assim, na seqüência da apresentação de informações pelos alunos, cada um deverá falar uma nova informação do texto, ou seja, uma informação diferente das apresentadas, anteriormente, pelos colegas.

Observação:

Considerando que, nesta Dinâmica, a informação dada por cada aluno deverá ser diferente da dos colegas que falaram anteriormente, caso o professor observe que, num dado momento, fica difícil aos alunos apresentarem uma nova informação, ele poderá encerrar a Dinâmica;

TROQUEM AS RESPOSTAS

- a) O professor apresenta questões sobre o texto, a serem respondidas por escrito, pós-discussão pelos alunos, em dupla;
- b) Após as respostas, o professor solicita que as duplas que estejam próximas troquem os cadernos (ou folhas) em que responderam;
- c) O professor indica as duplas que irão apresentar (ler, ou explicar, ou comentar) as respostas que receberam dos colegas, após a troca.

ATENÇÃO À PERGUNTA E À RESPOSTA!

1- O professor indica um aluno para:

1.1- elaborar uma pergunta sobre o texto;

1.2- indicar um colega para *responder* a esta pergunta.

2- O colega indicado pelo aluno responde à pergunta.

3- O professor solicita a um terceiro aluno que repita a pergunta e a resposta dos colegas anteriores, fazendo, ao final um comentário, uma apreciação pessoal sobre a formulação da pergunta, quanto à clareza, ou quanto à importância, e sobre a formulação da resposta, quanto à correção ou quanto à forma de expressão.

SURPRESA!

1- O professor indica um aluno para:

1.1- elaborar uma pergunta sobre o texto;

1.2- indicar um colega para responder a esta pergunta.

2- Surpresa – O professor diz que o próprio aluno que elaborou a pergunta deverá respondê-la.

PAR OU ÍMPAR?

- 1- O professor prepara papeletas numeradas de 1 a 10;
- 2- O professor solicita a alguns alunos que sorteiem as papeletas;
- 3- Caso o aluno sorteie uma papeleta com número par, deverá elaborar uma pergunta ou exercício sobre o texto e respondê-los.

Caso o aluno sorteie uma papeleta com número ímpar, deverá elaborar uma pergunta ou exercício sobre o texto e indicar um colega, que irá respondê-lo.

GANHA A MELHOR CORREÇÃO

- a) O professor explica que cada fileira de alunos constitui um grupo, atribuindo um número ou letra de identificação a cada uma;
- b) O professor solicita que todos os alunos respondam a questões sobre o texto, por escrito, numa papeleta;
- c) O professor indica, em cada grupo, um aluno para exercera função de corrigir as respostas dos colegas, escrevendo certo ou errado em cada papeleta;

- d) O professor solicita aos alunos que corrigiram que leiam as respostas e a correção feita;
- e) O professor atribuirá pontos às correções feitas de maneira certa, ganhando o grupo que fizer maior número de pontos.

2.2 – OUTRO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A posição de Mirian Lemle (letra nº 50 PJRS p. 40) é a de que o processo de alfabetização se dá em cinco partes.

I – Para efetuar o início da alfabetização os seguintes atos perceptuais e intelectuais devem constituir aptidões para o indivíduo aprendiz:

II – Representar através de uma seqüência de letras a seqüência de sons da fala, numa correspondência linear.

III – A fala pode ser segmentada em unidades significativas.

IV – Realizar discriminações visuais necessárias a percepção dos traços das letras;

V – Discriminar sons fonéticos. Ex. oclusivos surdos (p, t, k) dos oclusivos sonoros (b, d, g) etc.

O primeiro estágio da teoria: a hipótese da biunivocidade na relação da letra/fone. Inicia-se o processo da alfabetização propriamente dita quando o aprendiz compreende que as letras servem como símbolos para o segmento de sons da fala, ou seja, biunivocidade.

Hipótese A - Cada letra simboliza um segmento fonético e cada segmento fonético e representado por uma letra:

Letra	Fone
p	(p)
b	(b)
t	(t)
d	(d)
f	(f)
v	(v)
a	(a)
Quadro 1: correspondências biunívocas	

Letras que correspondem sons diversos seguindo o texto.

Letra	Valor fonético 1	Contexto 1	Valor fonético 2	Contexto 2
1	(1)	diante de vogal	(u)	Diante de consoante ou final de palavra
E	(e)	não final	(i)	Final átono da palavra
O	(o)	não final	(u)	Final átono da palavra
M	(m)	início da sílaba	(nasalidade da vogal precedente)	Final da sílaba, diante de p. b.
N	(n)	início da sílaba	(nasalidade da vogal precedente)	Final da sílaba, diante de consoantes, exceto p. b.
vogais	(simples)	Exceto diante de s final em sílaba tônica.	(seguidas de i)	Diante de s final de sílaba tônica.

Quadro 2: letras que correspondem a sons diversos segundo o contexto

O segundo estágio da teoria - hipótese da regularidade contextual na relação letra/fone.

Diante desta hipótese da biunivocidade torna-se insatisfatória, pois de um lado verá que uma mesma letra pode representar mais de um som, fone. Do outro verá que um mesmo fone é representado por letras diversas ou por letras e dígrafos.

Letra	Fone	Contexto	Exemplos
S	(s)	Início de palavra Intervocálico	<u>S</u> ala
	(z)	final de sílaba diante de consoante surda ou final de palavra.	Ca <u>s</u> a, dua <u>s</u> , arvo <u>r</u> es
	(s)	Final de sílaba diante de consoante sonora.	Re <u>s</u> to, dua <u>s</u> ca <u>s</u> as
	(z)		Ra <u>s</u> go, dua <u>s</u> gota <u>s</u>
M	(m)	Início de sílaba	<u>M</u> ala, le <u>m</u> a
	(nasalidade da vogal precedente)	Início de sílaba diante de p, b.	Ca <u>m</u> po, so <u>m</u> bra
N	(n)	Início de sílaba	<u>N</u> ada, ba <u>n</u> ana
	(nasalidade da vogal precedente)	Final de sílaba diante de consoantes, exceto p, b	
L	(l)	Início de sílaba	Bo <u>l</u> a, <u>l</u> ua

	(u)	Final de sílaba	Calma, sai
E	(e)	Não final	D <u>e</u> do, ped <u>ra</u>
	(i)	Final de palavra	Pad <u>re</u> , mort <u>e</u>
O	(o)	Não final	B <u>o</u> lo, cov <u>a</u>
	(u)	Final de palavra	Bol <u>o</u> , amig <u>o</u>
<i>Quadro 4: uma letra representando diferentes sons segundo o contexto</i>			

Um som representado por diferentes letras, segundo o contexto.

Fone	Letra	Contexto	Exemplos
(k)	c	Diante de a, o, u	<u>C</u> asa, <u>c</u> ome, bic <u>u</u> do
	qu	Diante de e, i	Pequ <u>e</u> no, esqu <u>i</u> na
(g)	g	Diante de a, o, u	<u>G</u> ato, <u>g</u> ota, agu <u>a</u>
	gu	Diante de e, i	Pague <u>i</u> , engu <u>i</u> a
(i)	i	Posição acentuada	P <u>i</u> no
	e	Posição átona final de palavra	Pad <u>re</u> , mort <u>e</u>
(u)	u	Posição acentuada	L <u>u</u> a

	o	Posição átona final de palavra	Bolo, amigo
(R)	rr	Intervocálico	Carro
(r forte)	r	Outras posições	Rua, carta, honra
(ãw)	ão	Posição acentuada	Portão, cantarão
	am	Posição átona	cantaram
(ku)	qu	Diante de a, o	Aquário, quota
	qü	Diante de e, i	Cinqüenta, eqüino
	cu	Diante de consoante ou final de palavra	Frescura, pirarucu
(gu)	gu	Diante de a, o ou consoantes	Água, agudo
	gü	Diante de e, i	Agüenta, sagüi
<i>Quadro 5: um som representado por diferentes letras seguindo o contexto</i>			

Hipótese B – biunivocidade contextualizada. – Cada letra, num dado contexto simboliza um dado segmento fonético e cada segmento fonético num dado contexto é simbolizado por um dado letra ou um dígrafo.

Terceiro estágio da teoria – equivalência entre letras indissiocrasias.

A hipótese B ainda não será plenamente satisfatória do ponto de vista relação fone/letra, se tornam totalmente arbitrárias.

Fone	Contexto	Letras	Exemplos
(z)	Intervocálico	s	Mesa
		z	Certeza
		x	Exemplo
(s)	Intervocálico Diante de a, o, u	ss	Russo
		ç	Ruço
		sç	Cresça
	Intervocálico Diante de e, i	ss	Posseiro, assento
		c	Roceiro, acento
		sc	Asceta
	Início de sílaba –não – inicial precedido por consoante diante de a, o, u	s	Balsa
		ç	Alça
	Início de sílaba inicial ou precedido por consoante diante de e, i.	s	Persegue
		c	Percebe

(s)	Diante de vogal	ch	Chuva, racha
		x	Xuxu, taxa
	Diante de consoante	s	Espera, testa
		x	Expectativa, texto
	Fim de palavra diante de consoante ou pausa	s	Funis, mês, Taís
		z	Atriz, vez, Beatriz
(z)	Início ou meio de palavra diante de e, i.	j	Jeito, sujei
		g	Gente, bagageiro
(u)	Fim de sílaba	u	Céu, chapéu
		l	Mel, papel
<i>Quadro 6: Letras que representam fonemas idênticos em contextos idênticos.</i>			

Hipótese C – as letras do alfabeto simbolizam os segmentos da fala. Cada letra num dado contexto simboliza um segmento fonético.

Atingida a hipótese C, pode-se dizer que o aprendiz está (à parte das regras de acentuação alfabetizado: sua teoria, é capaz de dar cobertura a todos os vínculos simbólicos entre sons e letras utilizadas pelo português escrito. Não quer dizer com isto que o indivíduo não cometa erros ortográficos.

Quarto estágio da teoria – Construção de regras morfológicas. Identificação de afixos visando à fixação de generalizações ortográficas.

Nesta etapa o ensino escolar poderá ser especialmente atuante ao fazer ver essas análises mórficas.

Afixo	Alternativa ortográfica fonologicamente plausível	Exemplos
- eza	Esa	gradeza, beleza, moleza
- iz	is	atriz, bissetriz, aprendiz
- izar	isar	concretizar, realizar
- ice	isse	burrice, caretice
- ês	ez	português, francês
- ção	ssão	votação, inflação, dedicação
- al	au	sensacional, medieval
- agem	ajem	lavagem, bobagem, engrenagem
des -	dex -	desfazer, deslocar, desmembrar
ex -	es -	expulsar, expedir, excomungar
extra -	estra -	extraordinário, extraditar

Quadro 7: identificação de afixos visando a fixação de generalizações ortográficas

- **Uma medida de avaliação de erros ortográficos.**

a) Erros de primeira grandeza – o aprendiz omite letras, repete letras ou inverte letras. Exemplo: ula _____ lua

nala _____ mala

Dependendo da gravidade e da persistência os problemas dessa ordem fugirão da alçada do professor e passarão a alçada médica.

b) Erros de segunda grandeza – o aprendiz conhece os valores fonéticos das letras, mas não se deu conta do fator contextual que entra em jogo.

Exemplos: Cero _____ quero.

O dedo de Beto _____ u dedu di Betu.

O aprendiz que comete erro de primeira e segunda grandeza, não pode ser considerado alfabetizado.

c) **Erros de terceira grandeza** - o aprendiz já conhece as limitações contextuais que restringem as correspondências das letras para os fones e dos fones para as letras.

Exemplo: meza _____ mesa

Coçar _____ cossar

ezame _____ exame

O aprendiz que comete erros de terceira grandeza não merece o rótulo de analfabeto. Precisa apenas intensificar a memorização das palavras que contêm letras rivais.

A autora admite que nos três anos escolares tais erros iriam sendo sistematicamente discutidos através da introdução da noção de variação dialetal no ensino. Bastando explicar que existe uma norma lingüística ideal que jamais realizada na fala de quem quer que seja que constitui um padrão convencionado como norma para a comunicação escrita.

A autora Lemle deixa uma sugestão para um percurso didático, no que diz respeito a uma gradação, em termos de dificuldade ortográfica, de vocabulário a ser introduzido nas fases iniciais de alfabetização e que a seleção dos vocábulos deve obedecer à idéia de que a ordem ideal seria uma ordem que harmonizassem com um andamento natural da construção ortográfica.

1. letras que transcrevem sempre o mesmo som.

2. letras que no conjunto de dialetos do português transcrevem ora um som, ora outro.
3. letras que correspondem a sons diversos, segundo o contexto.
4. letras que no dialeto específico, representa ora um som, ora outro, dependendo do contexto.
5. letras que no conjunto dos dialetos português rivalizam na representação de um mesmo contexto.
6. letras que no dialeto em questão, rivalizam na representação de um mesmo som, num mesmo contexto.

1.3 - A autora Vera Regina Araújo Pereira (Letra nº 42 PUCRS P.48ª 57) observa que o estudo da leitura foi por longo tempo efetuado quase em completo isolamento do campo da lingüística. Mesmo na atualidade, em nações bastante desenvolvidas, como os Estados Unidos, já foi reconhecida a aplicação dos conhecimentos lingüísticos ao ensino de leitura e outras atividades da língua têm sido algo menos do que satisfatório.

Apesar de ainda não ser satisfatório o aprendizado da lingüística, percebe-se a sua importância no processo da alfabetização e já é notório em nossa prática pedagógica, a realização de trabalhos contextualizados, a partir da vivência do educando, tornando-se assim, o ensino mais eficaz.

Se alguém deseja ajudar os leitores a se tornarem mais efetivos deve começar de uma base psicolingüística. Todas as questões centrais envolvidas

na leitura são questões psicolinguísticas, porque ler é um processo no qual a linguagem interage com o pensamento. (Goodman, 1976).

1.4 - Conforme a essência das idéias de Freire, antes de ensinar uma pessoa a ler as palavras é preciso ensina-la a ler o mundo. O processo da alfabetização realiza-se através de palavras geradoras vivenciadas pelo aluno. Ele condena a educação bancária ou seja, o professor é simplesmente depositante de conteúdos e o aluno depositário, impedindo que o aluno leitor se torne sujeito do trabalho que executa.

O professor como mediador do processo de alfabetização deve preocupar-se em reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Assim, percebe-se a importância do educador, e a sua tarefa maior é a de ensinar a pensar e não somente transmitir conteúdos.

Por isso a prática educativa não deve ser puro treinamento técnico, se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode ficar alheio à formação moral do educando.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

3.1 ESPAÇO E TEMPO DA PESQUISA

Ao realizarmos nossa investigação escolhemos a Escola Municipal Elizabeth Vasconcelos Gama, situada na sede do município, devido às dificuldades apresentadas pelos alunos na construção do processo da leitura e da escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Ao elaborarmos este trabalho optamos por uma metodologia de pesquisa através de entrevistas, observações em sala de aula e questionamentos. Quando utilizamos esses recursos detectamos que havia

uma grande necessidade de dar maior importância ao processo da alfabetização nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Nossa opção pela referida escola é de nosso interesse por ser nosso local de trabalho, onde percebemos as dificuldades já mencionadas e com o propósito de entender melhor o processo da leitura e da escrita e buscar subsídios para amenizar a evasão e a repetência tão freqüentes em nossa escola.

O tempo da nossa pesquisa foi suficiente para que detectássemos as dificuldades relacionadas ao processo da construção da leitura e da escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

3.2 INSTRUMENTOS DE INVESTIGAÇÃO

Para a realização da nossa pesquisa foram utilizadas observações, questionários, entrevistas com depoimento de professores, coordenadores pedagógicos, alunos e pais, os quais possibilitaram informações que contribuíram para o desempenho do trabalho.

Observa-se atualmente que a criança aprende em diversas situações do seu cotidiano, porém é na sala de aula que esse conhecimento é sistematizado.

A observação em sala de aula, nos proporciona constatar que uma das maiores dificuldades para o aluno é o entendimento da relação som/escrita.

Esta pesquisa foi realizada em Escolas Municipais e Estaduais da sede com 40 alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental.

PESQUISA

Nome –

Idade

Escola

Serie

Quem o alfabetizou?

Pais Professor Outros

Onde foi alfabetizado?

Escola Casa

Idade que foi alfabetizado?

7 anos 8 anos Mais de 8

Qual o meio social que está inserido?

Alta Média Baixa

(Ver resultado anexo)

Entrevista realizada com 20 pais da comunidade escolar, 20 professores e 20 alunos. As questões foram elaboradas com o propósito de colhermos dados que viessem comprovar ou não as hipóteses.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1 – Em sua casa há livros de histórias, revistas em quadrinhos, jornais ou outros tipos de livros?

- 2 – Você acompanha seu filho no cumprimento das tarefas de casa?

- 3 – Você concorda que uma das dificuldades no processo da leitura e da escrita nas séries iniciais seja a má assimilação da criança?

- 4 – O meio social econômico influi no desenvolvimento do processo de aprendizagem das crianças nas séries iniciais do ensino Fundamental?

- 5 – É aceitável a hipótese do despreparo do professor concorrer para dificultar aprendizagem no processo da leitura e da escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental?

- 6 – Você considera inadequado o material usado pelo professor no processo da construção nas séries iniciais do Ensino Fundamental?

(Resultado ver gráfico anexo)

3.3 ENTREVISTA COM PROFESSORES E OUTRAS PROFISSIONAIS LIGADAS A ÁREA DE EDUCAÇÃO.

Os dados coletados através de entrevista com professores e outras pessoas ligadas a área de educação foram relevantes para a nossa pesquisa pois deram oportunidades de colhermos mais informações sobre o tema em questão.

Esta pesquisa foi realizada no período de 20 a 24 de agosto do corrente ano.

Observa-se atualmente nas escolas as dificuldades tanto do professor como do aluno no desempenho do processo da construção da leitura e da escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Na sua opinião que fatores contribuem para essas dificuldades?

Nome - Elma Lúcia R. O. Dourado	- O meio social em que a criança vive.
Profissão – Professora	- Falta a participação da família na vida escolar.
Tempo de atuação na área – 26 anos	- Despreparo do professor
Escolaridade – cursando Pedagogia	- Falta de projetos de leitura

<p>Nome – Maria Deleuze Oliveira Brito</p> <p>Profissão – Professora</p> <p>Tempo de atuação na área – 12 anos</p> <p>Escolaridade – Magistério</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Pais, que por falta de tempo ou mesmo de instrução não acompanham a vida escolar do filho; - Na sua grande maioria o aluno vive num ambiente onde não convive no seu cotidiano com livros, e muito menos com leitores; - O professor por sua vez, por diversos motivos, entre eles a desculpa do minúsculo salário também não tem o hábito de ler e quem não tem gosto pela leitura não pode despertar interesse.
<p>Nome – Eliana Lopes da Silva Medeiros Cruz</p> <p>Profissão – Professora/Coordenadora Pedagógica</p> <p>Tempo de atuação na área – 15 anos</p> <p>Escolaridade – 3º grau</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Alunos: defasagem, alunos x série. - Professores que não conseguem. - Método adotado e os livros didáticos distantes da realidade da escola pública. - Os pais não colaboram. - A maioria das escolas não possuem professores alfabetizados, geralmente os novatos são convocados para as turmas de alfabetização e 1ª série.

CAPITULO IV

4.1 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Tenta-se estabelecer relações entre os dados coletados e hipóteses formuladas para que estes venham comprovar ou não a veracidade da problematização do tema proposto.

Apesar da criança trazer do seu ambiente familiar conhecimentos adquiridos da sua própria vivência, conforme a pesquisa realizada, é a escola onde se processa a alfabetização sistematizada.

O meio sócio-econômico da criança contribui para a construção da leitura e da escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental que de acordo com entrevista ficou confirmada a influência.

Segundo os dados estatísticos 60% dos alunos não têm acesso em casa a livros, revistas, jornais etc., isto vem confirmar a hipótese quando menciona-se que muitas crianças não têm ambiente propício ao desenvolvimento da leitura e da escrita.

Evidencia-se através dos dados estatísticos que 70% dos pais não acompanham e nem incentivam seus filhos no cumprimento das tarefas de casa.

Observa-se em gráfico anexo que 90% dos alunos sentem dificuldade na assimilação do conhecimento, pois ela não age, não modifica e não inventa, dificultando assim o processo da aprendizagem tornando verdadeira a suposição referida anteriormente.

A pesquisa veio confirmar que 75% dos professores não estão preparados para alfabetizar nas séries iniciais do Ensino Fundamental, contribuindo para dificultar a construção da leitura e da escrita. Embora estes venham capacitando-se ainda deparam com alguns entraves que estão presentes no dia-a-dia da sala de aula.

Percebe-se que 60% da pesquisa realizada comprova que os materiais didáticos usados nas escolas para alfabetizar são inadequados, pois não leva o aluno a questionar, refletir, embora o professor não deva se restringir apenas ao livro didático, tendo este autonomia para ampliar e criar novas situações de aprendizagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

Atualmente é preciso refletir, pensar e repensar o processo da alfabetização nas séries iniciais do Ensino Fundamental, rever metodologias, buscando a compreensão dos porquês, conviver com ansiedades de reconhecer o que ainda não sabemos, aceitar o erro e o novo sem preconceito, sem abandonar os acertos já conquistados.

Uma aprendizagem mecânica que envolve apenas a decodificação do ler e escrever e a não compreensão dos usos e funções da linguagem que não esteja sustentada no interesse em compreender e comunicar, torna-se inútil. É treinar um copista e não um produtor que se expressa através da escrita. Portanto, aprender a ler e escrever é apropriar-se do código lingüístico e tornar-se um usuário da leitura escrita.

Os estudos sobre a Psicogênese da língua escrita desenvolvida por Ferreiro e Teberosky, embora não proponha uma prática pedagógica, sua contribuição é essencial para o educador compreender melhor o processo de

ensino-aprendizagem da língua e o funcionamento do código, mediando questionamentos que levem a criança a “desestruturar o pensamento” isto é, duvidar de suas idéias, comparando e refletindo para depois elaborar uma nova hipótese lingüística.

O trabalho de leitura, produção e diversidade de textos, ortografia e gramática como instrumentos de comunicação são fundamentados pelos estudos da linguagem como: análise do discurso, a sociolingüística e a linguagem extraverbal.

A leitura deve ser atividade diária na sala de aula incluindo períodos na semana para a leitura livre, na qual o aluno escolhe o que ler e o professor também lê seu livro, participando e dando seu exemplo de leitor.

“Ser alfabetizado é desempenhar um conjunto de atividades associadas ao uso prático. Por exemplo: saber ler uma bula ,escrever uma lista de compras ou preencher um formulário ,atividades que tornam o indivíduo mais adaptado à sociedade. Outra concepção tem aquele que vê na utilização da escrita também uma aquisição de poder político, econômico e mental. Um terceiro modo de ver a questão é entender que o essencial para ser alfabetizado é ter adquirido as formas de expressão contidas nos livros e apreciar seu valor estético”.
(Liliana Landsmann 1990)^y

Faz-se necessário uma distinção entre ler e aprender a ler. Ler é a comunicação que o indivíduo faz com textos impressos, para buscar a

compreensão. Aprender a ler é um processo que se desenvolve ao longo de toda a escolaridade e de toda a vida. Dessa forma cabe ao professor realizar um trabalho de leitura abordando tipos diversificados de textos, proporcionando estratégias e habilidades para aprendizagem de leitura.

Repensar o papel do professor como mediador e instigador do processo de aprendizagem; ora desafiando, ora oferecendo suporte para a criança avançar na aprendizagem é também uma meta a ser alcançada com este trabalho.

“Assim a ação mediadora do educador resulta, igualmente num trabalho pedagógico que valoriza as experiências de vida de cada criança, suas vivências culturais, raciais, etc, como elementos constitutivos de espaço institucional, ao mesmo tempo que percebe a criança sofrendo as influências desse meio e constituindo-se como sujeito a partir dessa interação”. (Hoffmann 1993) ^{vi}

A intenção de aproximar o processo construtivo da aprendizagem, tanto às necessidades, quanto à cultura do meio social da criança tem sido uma preocupação constante no trabalho do educador que se angustia devido à repetência e à evasão, mas tem o propósito de contribuir com todos aqueles que estejam comprometidos com a democratização da educação.

SUGESTÕES

- O professor deve estimular o hábito da leitura no dia a dia oferecendo aos seus alunos textos que façam sentido para eles como: contos, músicas, brincadeiras, jogos, poemas e jornais para o aluno entender o mundo que o cerca;
- Organizar rodas de leituras em que o professor e alunos possam ler textos significativos e espontâneos;
- Formar contadores de histórias para que estes contem as histórias lidas e interpretadas a outros alunos de outras salas;
- Criar momentos de leitura em parceria, o professor começa, o aluno termina ou vice-versa;
- As parlendas são recursos valiosos para a leitura ritmada e para o treino da percepção dos sons;
- A linguagem versátil e moderna dos quadrinhos ganhou espaço na prática escolar;
- Canções folclóricas e brincadeiras infantis, enriquecem e resgatam o repertório oral dos alunos.

ANEXOS

SUMÁRIO DOS ANEXOS

I- Gráficos números 01,02,03 e 04 – resultados de pesquisas realizadas com alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental.

II- Gráficos números 05 e 06 – resultados de pesquisas realizadas com pais da comunidade escolar.

III- Gráficos números 07, 08, 09 e 10 – resultados de pesquisas realizadas com educadores das redes municipal e estadual de educação.

GRÁFICO Nº 01

Quem o alfabetizou?

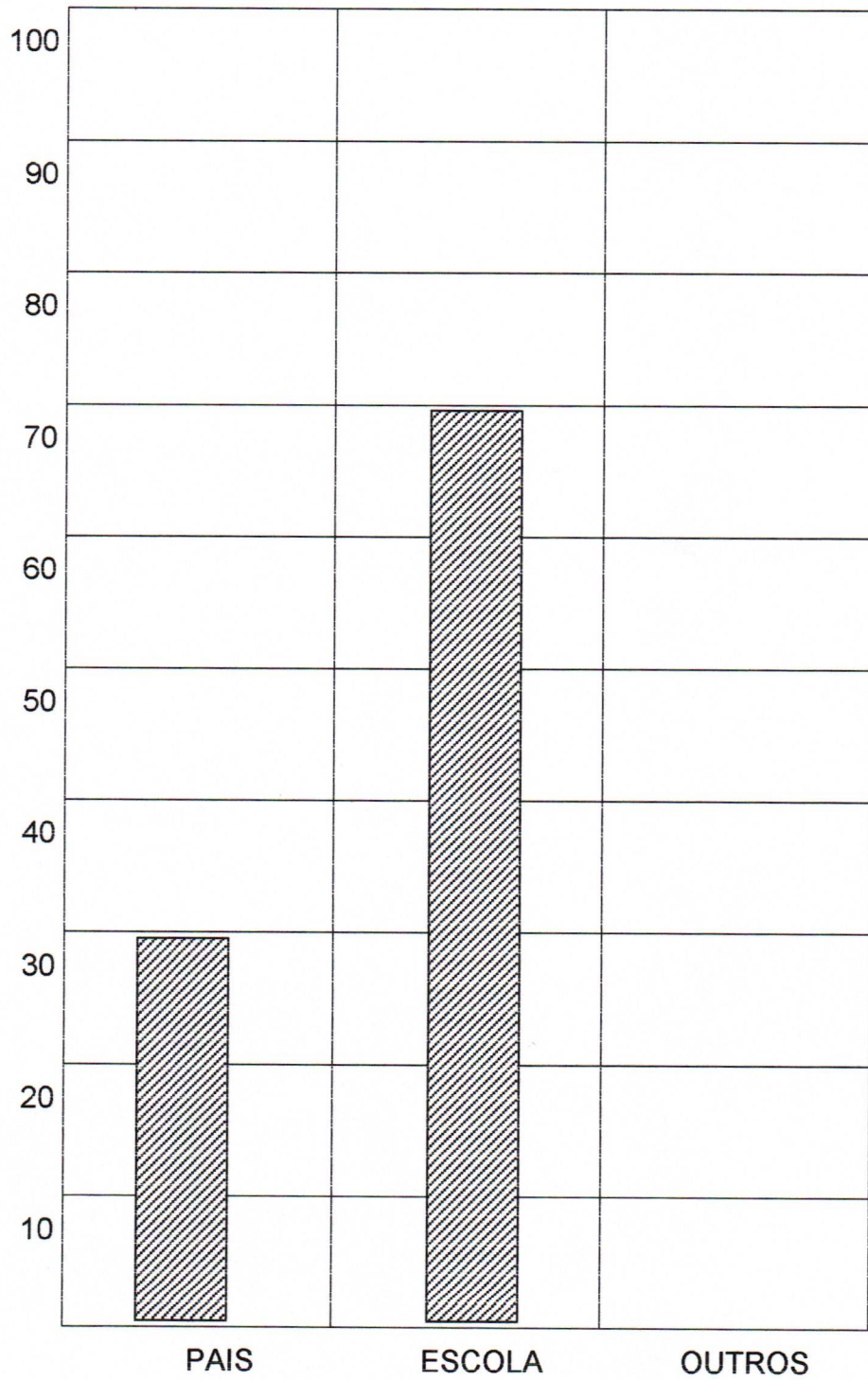


GRAFICO Nº 02

Idade que foi alfabetizado?

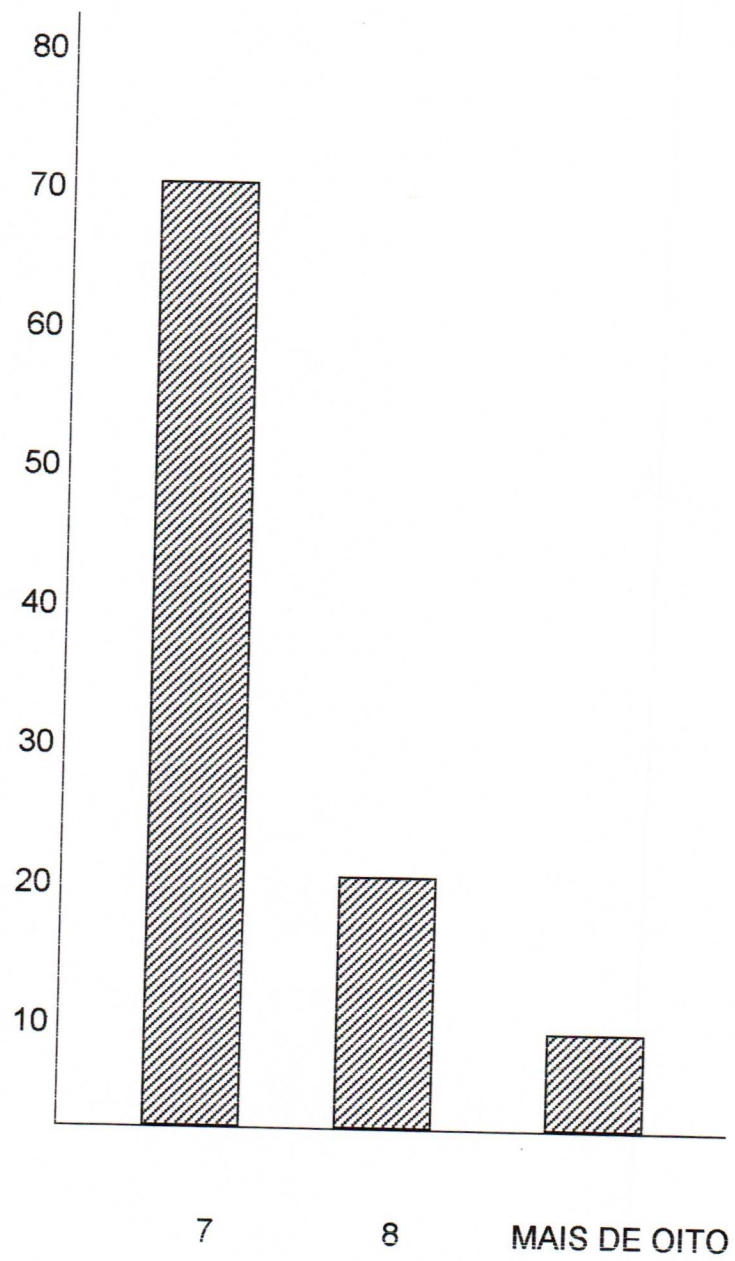


GRAFICO Nº 03

Qual o meio social que está inserido?

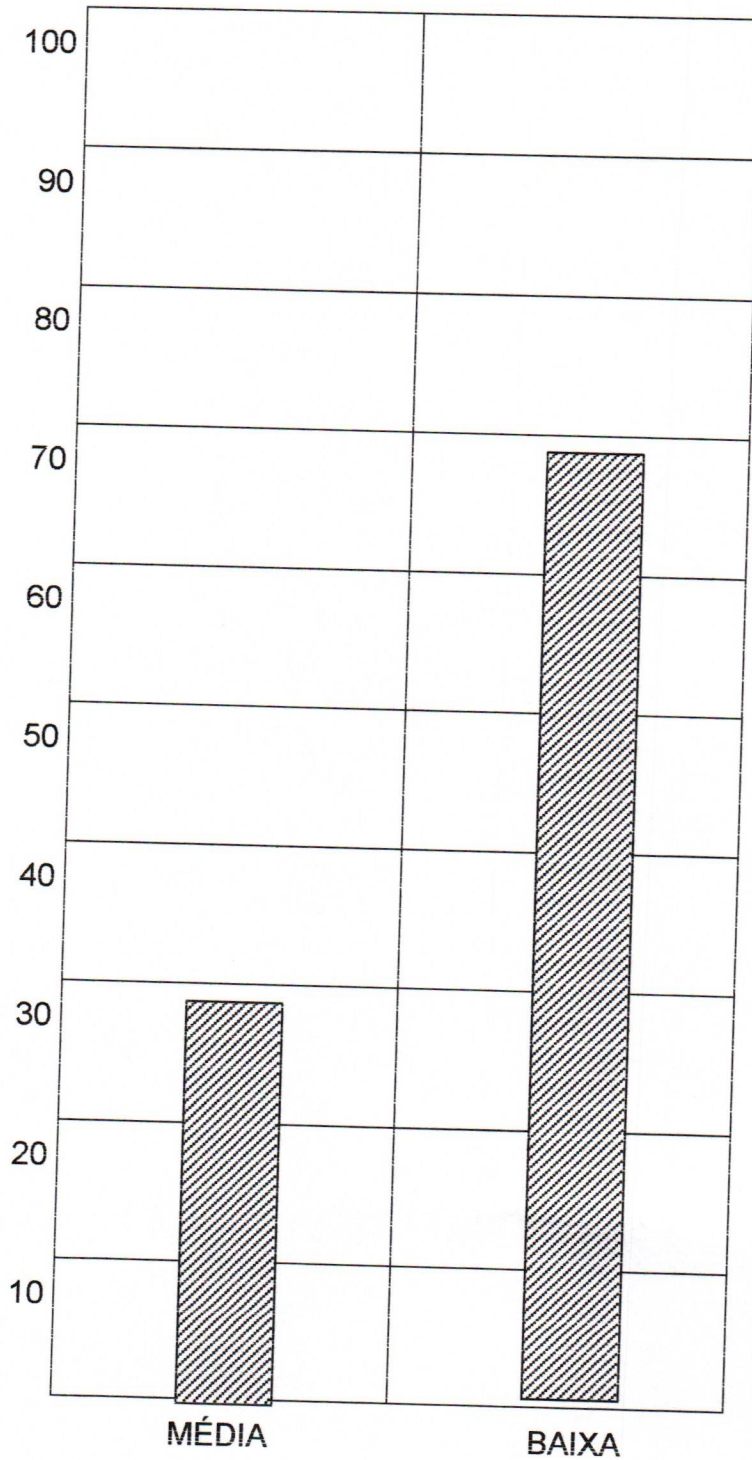


GRAFICO Nº 04

01 – Em sua casa há livros de histórias, revistas em quadrinhos, jornais ou outros tipos de livros?

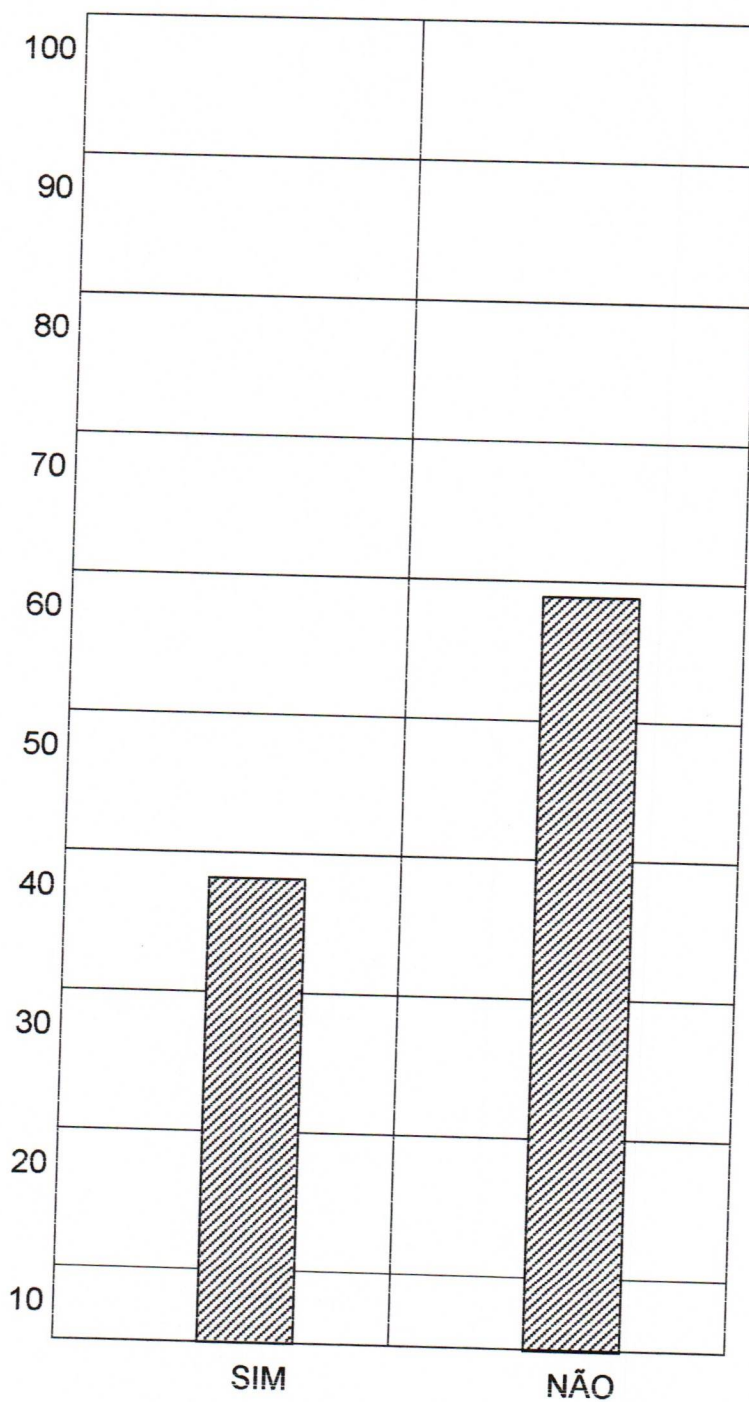


GRAFICO Nº 05

02 – Você acompanha seu filho (a) no cumprimento das tarefas de casa?

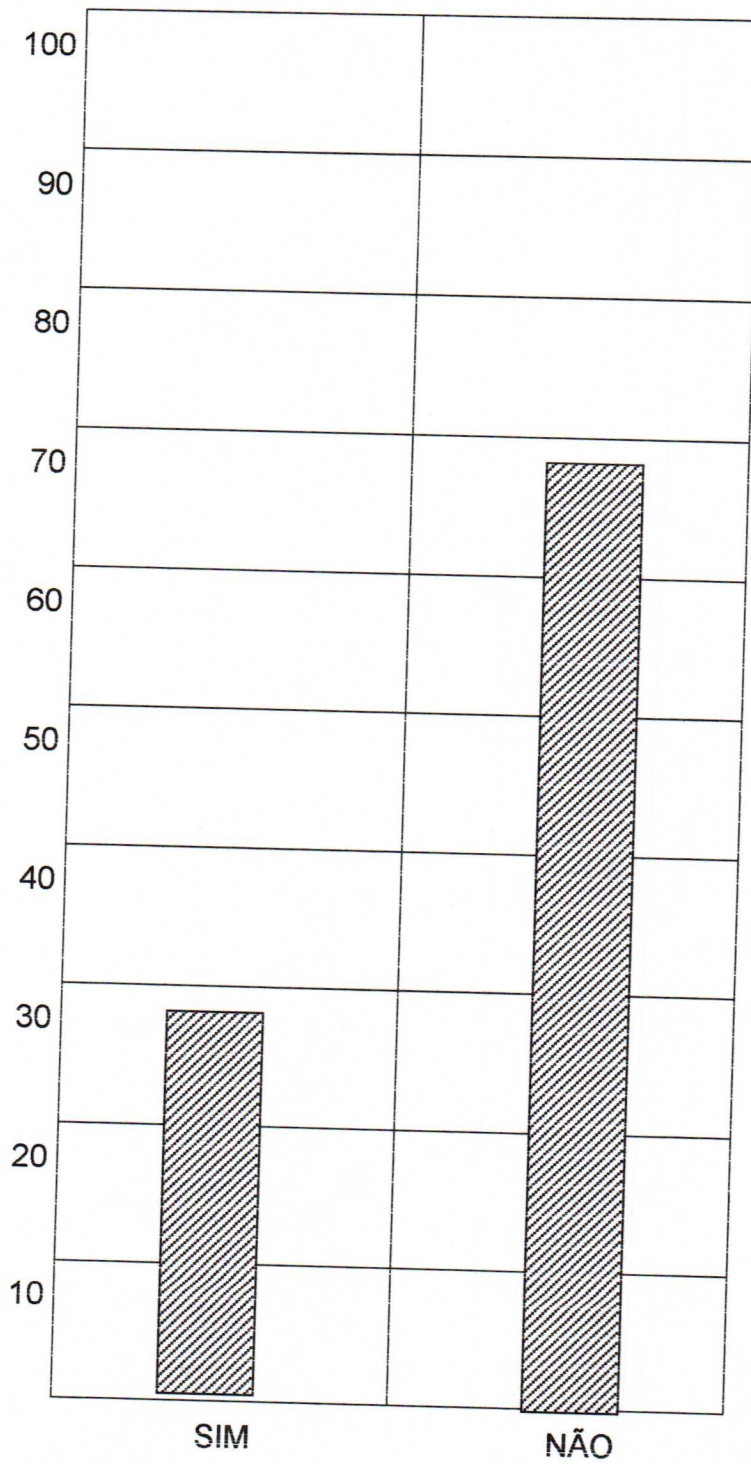


GRAFICO Nº 06

03 – Você incentiva seu filho a ler e escrever, mostrando-lhe a importância de ambos?

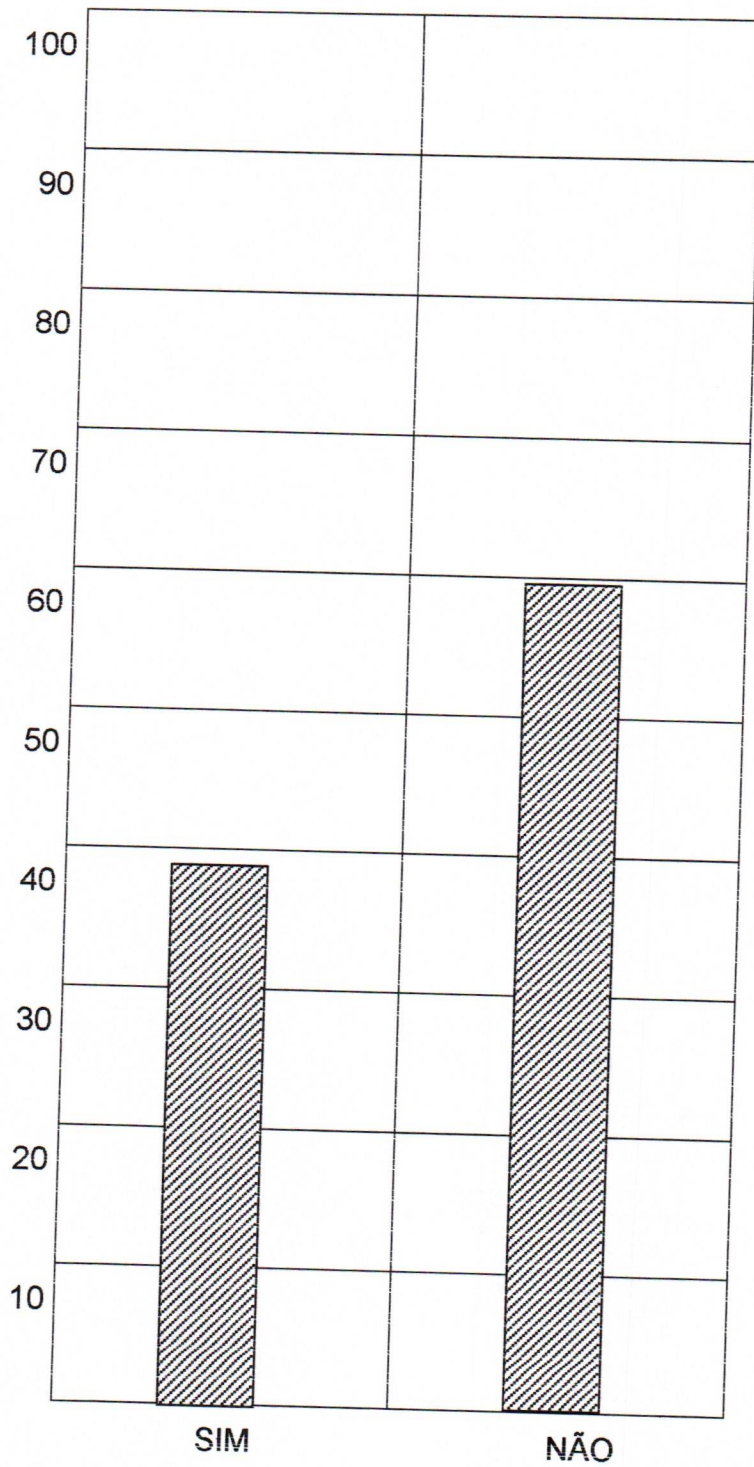


GRAFICO Nº 07

04 – Você concorda que uma das dificuldades no processo da leitura e da escrita as séries iniciais seja a má assimilação?

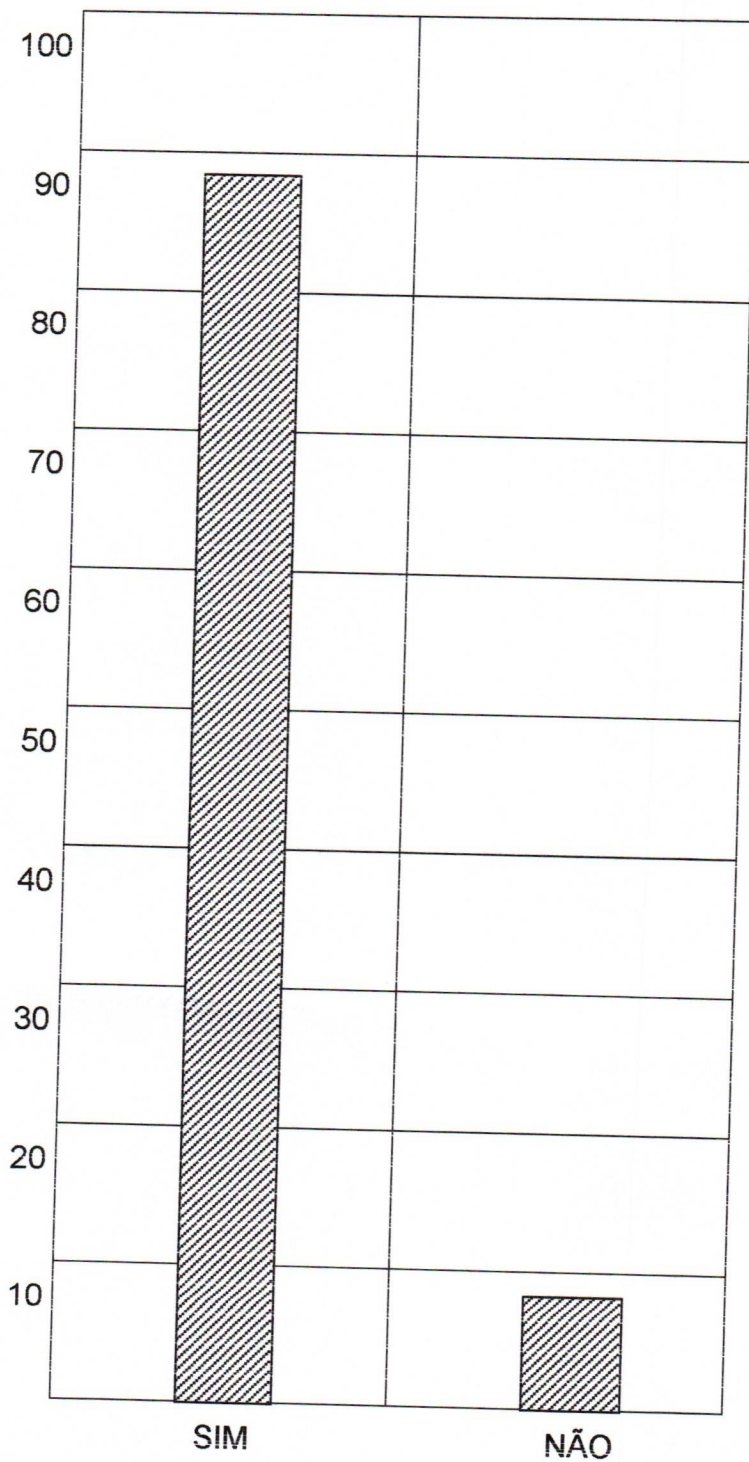


GRAFICO Nº 08

05 – O meio social econômico influi no desenvolvimento do processo da aprendizagem da leitura e da escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental?

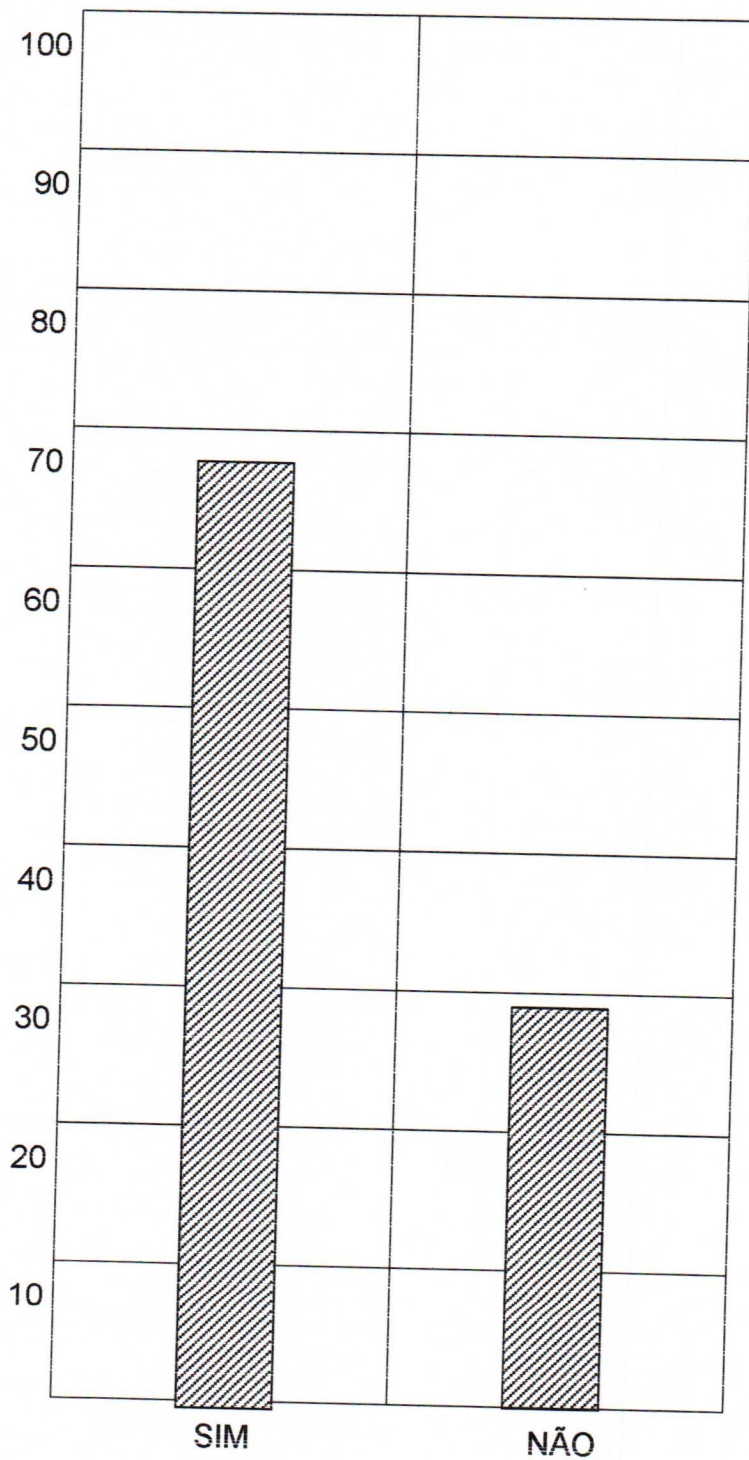


GRAFICO Nº 09

06 – É aceitável a hipótese do despreparo do professor concorrer para dificultar a aprendizagem do aluno no processo da leitura e da escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental?

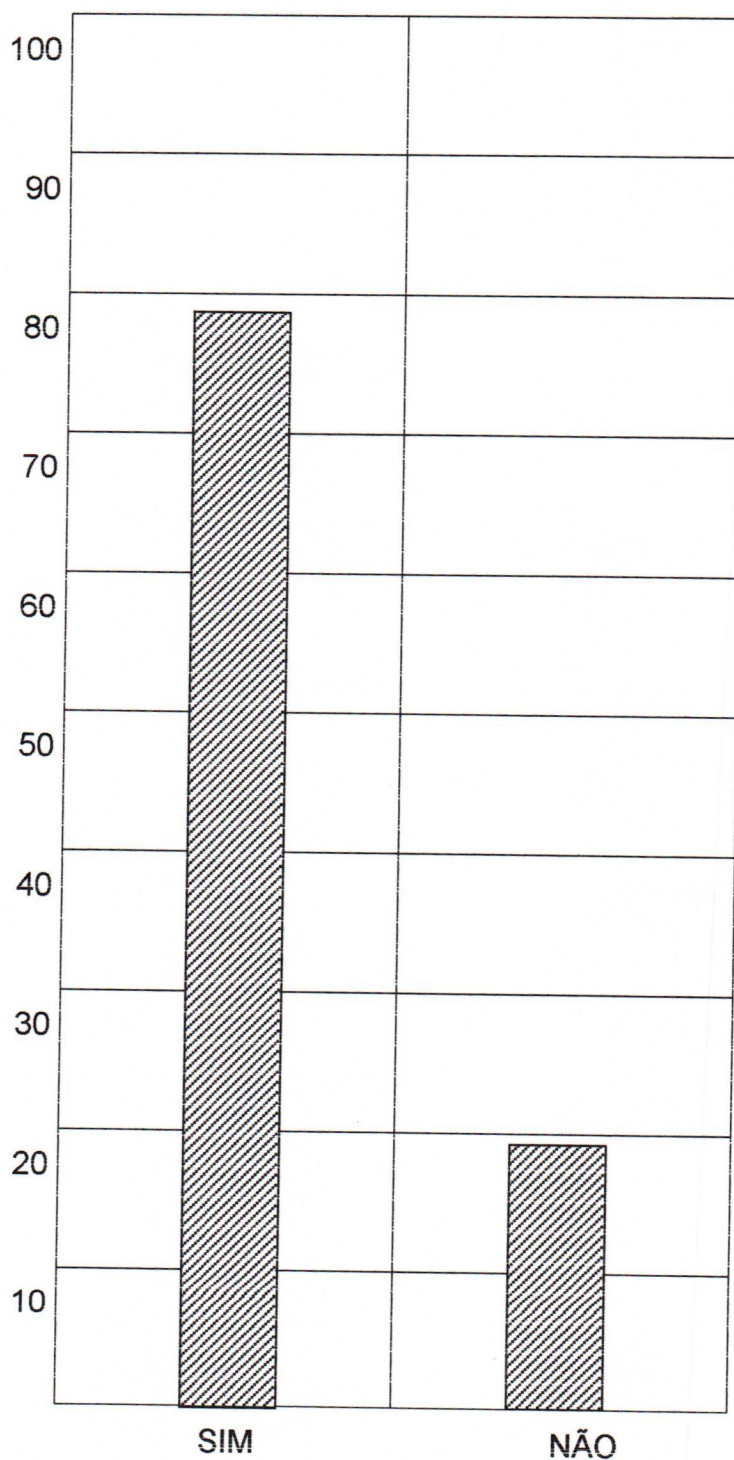
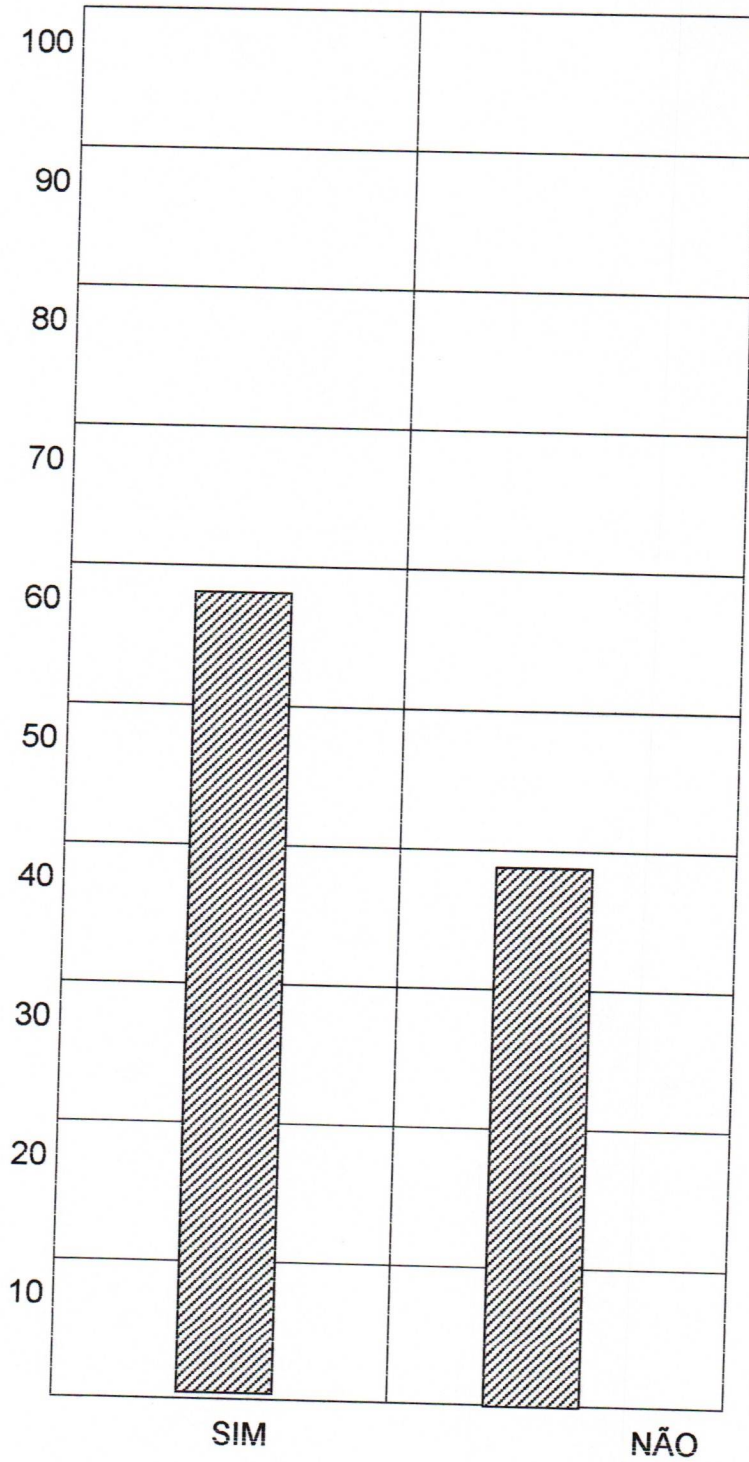


GRAFICO Nº 10

07 - Você considera inadequado o material usado pelo professor o processo da leitura e da escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental?



BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1990.

Brasil, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: 1997

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Lingüística**. 10ª ed, São Paulo: Editora Scipione, 1999

CÓCCO, Maria Fernandes & HAILER, Marco Antonio. **Alp: alfabetização: análise, linguagem e pensamento**. São Paulo: FTD, 1995.

FERREIRO, Emília & Teberosky, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da autonomia**. 12 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora: uma prática construtiva da pré-escola à universidade**. 15 ed. Porto Alegre: Mediação, 1993.

HUBNER, Regina Maria, **Língua Portuguesa**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação a Distância. Brasília: 1996.

JOLIBERT, Josette. **Formando Crianças Leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LEMLE, Miriam. **Guia Teórico do Alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1990.

KUSERA, Ieda Maria. **Idéias em contexto: Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora do Brasil, 1998.

NASPOLINI, Ana Tereza. **Didática de português**. São Paulo: FTD, 1996.

PELLEGRINI, Denise. **Aprenda com eles e ensine melhor**. Revista Nova Escola. Fundação Victor Civita. Ed. Abril. São Paulo: 2001.

PROCÓPIO, Mércia Maria Silva & PASSOS, Jane Maria Araújo. **Letra Palavra e Texto: alfabetização e projetos.** São Paulo: Scipione, 2001.

RANGEL, Mary. **.Dinâmicas de leitura para sala de aula.** 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

SILVA, Ezequiel Theodoro da **.Elementos de Pedagogia da Leitura.** Leitura. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ZUNINO, Delia Lerner de & PIZANI, Alicia Palácios de. **A aprendizagem da Língua Escrita na Escola.** Ed. Artes Médicas. Porto Alegre: 1995.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de Pedagogia da Leitura na Escola**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
2. CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. 10ª ed. São Paulo: Editora Scipione, 1999.
3. Idem. Ibidem .
4. Idem. Ibidem .
5. HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora: uma prática construtiva da pré-escola à universidade**. 15 ed. Porto Alegre: Mediação, 1993.